



A CIGARRA

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

ANNO (52 números)	48000
OITO MEZES (até ao fim deste anno)	32000
SIMESTRE (26 números)	25000
NUMERO AVULSO	1000
SUPPLEMENTO	500
NUMEROS ATRAZADOS	10500
SUPPLEMENTOS ATRAZADOS	10000

ESCRITORIO e REDACÇÃO
115 Rua do Ouvidor 115

HEBDOMADARIO illustrado por *Julião Machado*

Redacção de *Pedro Rabello*

Propriedade de *Manoel Ribeiro*

Direcção de *José Barbosa*

ANNO I

Rio de Janeiro, Quinta-feira, 14 de Novembro de 1895

N. 28

A CIGARRA

CIGARRA BRAZILEIRA CANTANDO EM ITALIANO

A *Cigarra* publica hoje um esplendido soneto de Emilio de Menezes. Esses formosos alexandrinos pertencem aos *Olhos Funereos*, segunda parte dos *Poemas da morte*, cujo apparecimento se não retardará por muitos dias.

Daremos breve um adoravel trecho da sua traducção do *Corvo*, de Pöe.



A empresa da *Cigarra* lembra aos srs. assignantes d'esta illustração que a 1 de Janeiro suspenderá todas as assignaturas que, terminando em 31 de Dezembro, até então não tiverem sido renovadas.



Para regularidade do serviço de administração da *Cigarra* pedimos aos nossos assignantes que conservem os recibos de assignatura e que quando tiverem de fazer reclamações, declarem o numero do recibo.



Toda a correspondencia de redacção deve ser dirigida a PEDRO RABELLO, director litterario, e todas as reclamações, pedidos de assignaturas, propostas de agencias nos Estados, e mais negocios relativos á gerencia da *Cigarra* devem ser tratados com JOSÉ BARBOSA, director-gerente.



M. CANIZZARIS



Têm este doce nome, *Spray*
— *Spray*, espuma do mar — e é
um cutter de treze toneladas. Ah!
o nosso querido sonho, minha

adorada amiga! Que tão longe estávamos nós de suppor e como nos teríamos negado a crêr que elle se effectuasse algum dia. E como me é doloroso a mim, e como a ti te será doloroso ver que tão breve, neste anno da graça de mil oitocentos e noventa e cinco, ha um americano de asperas barbas longas, pródigo de banhas e de dollars, que se nos apropria do nosso acariciado, irrealizado sempre, mas eterno e abençoado sonho de Amor!

Porque era assim como esse cutter *Spray* — delicado e pequeno — o barco irreal em que ambos nós nos teríamos partido, mundo em fóra, para todo o sempre

Na peregrinação ampla e infinda do ideal.



Spray — contou-o a *Noticia* — é um cutter de treze toneladas que ahí está agora no porto. Vem dos Estados Unidos, vae para a China. Como tamanho, é menor do que a lancha da policia que o visitou. A bordo tem o proprietario, tem o commandante e tem, como tripolação, o mesmo numero de homens que no senado bahiano, para a renção pelo terço, votou por unanimidade o reconhecimento dos novos senadores estadoaes eleitos; — o *Spray* tem um marinheiro só.

Tres pessoas, ninguem mais... Dize-me tu, minha adorada amiga! era ou não era esse o barco ideal que sonhavamos? A mim, lembra-me que o desejára para duas pessoas apenas, eu e tu. E eu argumentava com a circumstancia de que nem a variedade me deleita, nem poderia supportar nunca, alli, conosco, uma testemunha do nosso escandaloso amor, nem o que iam constituir a bordo era precisamente um *ménage à trois*. Tu allegaste que não, que sempre é bom preparar-se a gente para o que Deus nos possa mandar, na sua generosidade infinita... E tinhas um tal sorriso, e olhavas-me de tal modo... Pensei em comprar um berço para o que Nosso Senhor um dia nos remetesse do céu.



E agora vem um americano de asperas barbas longas, pródigo de banhas e de dollars, e tira ao seu cofre uma insignificante parcella d'aquelle metal vilissimo com que navios se pagam, e tira-nos a nós ambos a nossa idéa d'aquelle barco

delicado e pequeno e em duas semanas, eil-o que se atira a bordo do seu minuscuro *Spray* pelos alterosos mares, a flôr delles, descuidado e confiante, como se essa casquinha de nóz — *Spray*, espuma do mar — a propria espuma alva e leve do Oceano fosse.

Que lhe havemos de fazer — minha adorada amiga? — nós, que não temos nomes arrevesados, nem asperas barbas longas, nem adiposas banhas, nem dollars, nem nada? A America é dos americanos — é a doutrina de Monrôe. E os americanos da phrase de Monrôe não somos nós, nem são os nossos patricios, nem os argentinos, nem os paraguayos, nem os bolivianos, nem outros quaesquer americanos do Sul. Americanos são elles, os do Norte; *United States of America*. E' a doutrina de Monrôe... Que diabo lhe poderemos nós fazer?

Uma reclamação diplomatica... — lembrarias. Ah! uma reclamação diplomatica! Olha a Trindade, filha; olha a Trindade, e não te esqueças de olhar tambem um pouco para o Amapá!



Dirás, comtudo, que é doloroso ver mettido em um barco tão pequeno um americano de tamanha figura e de uma fortuna tamanha e que de tantas outras cousas tamánhas dispõe. E' realmente doloroso; é doloroso e tem os seus perigos; mas isso é lá com elle. Sua alma, sua palma. Se me não estivesse a acabar agora o papel, sempre te contaria aqui o caso de um — americano ou não, pouco importa — que por uma alta cavallaria dessas teve de ir com duas ordenanças ao pretor.

Sierrô.



OLHOS FUNEREOS

II

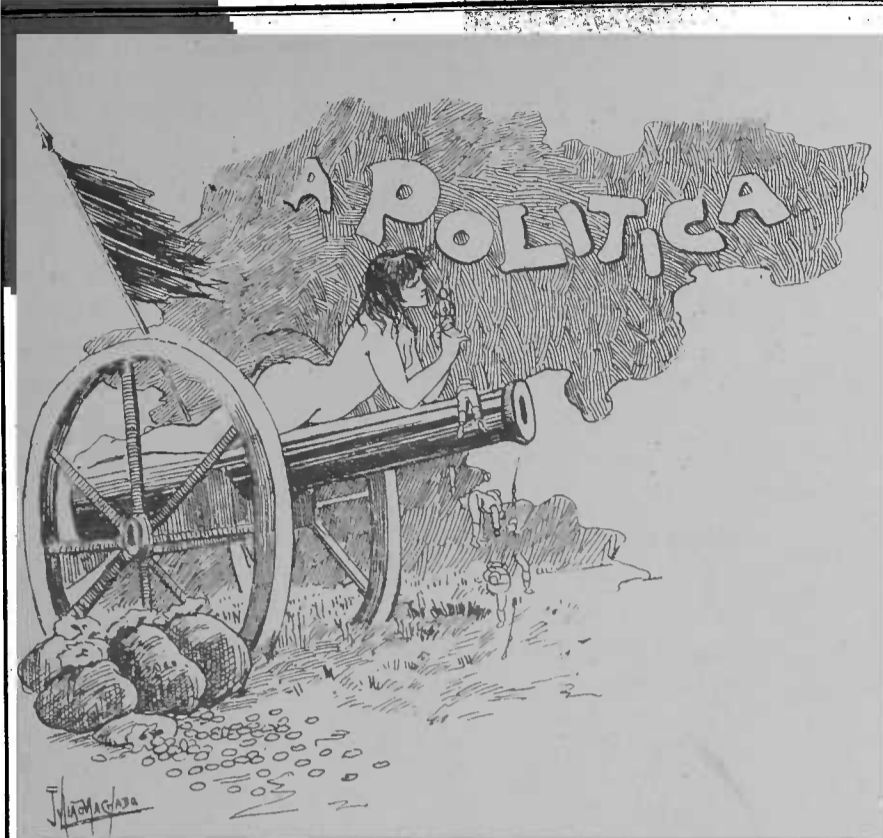
Dentro do funeral dos seus olhos presagos
Enluctados, talvez por algum sonho extinto,
Como na stagnação sinistra de dois lagos,
Mirá-se duplamente a mesma flôr do Instincto.

Olhos! vós sois, por certo, o funebre recinto,
Onde vêm responsar aos intimos estragos
Os restos de illusão que dentro d'alma sinto
E que são para mim meus unicos affagos.

Perturba a placidez dos meus sonhos de ascetá,
O augúrico fulgor dos seus dois negros cilios
Imponderaveis como azas de borboleta.

Os meus mortos ideias, em teu olhar, asyle-os
Essa, que elle me abrir, cova humilde e discreta,
Onde irei enterrar meus ultimos idyllios.

Emilio de Menezes.



Já me não guarda a memoria o motivo por que, n'um destes dias ultimos, dei commigo sentado á frente de uma galeria da Camara. Em baixo, no recinto, homens de longas sobrecasacas abotoadas e homens de longos *fracks* abertos, revesavam-se n'um interminavel serviço de entrar, e de sahir, e de subir para a meza, e de descer da meza para a sala dos chapéos.

Abandonado e vermelho, e gesticulando, um homem irrequieto fallava... O que elle dizia era por força cousa importante; batia no peito, abria os braços, apontava para o tecto... E era a cada palavra — Sr. presidente... Ora, Sr. presidente... V. Ex. sabe, Sr. presidente...

O presidente — um moço de limpidos oculos e de abundantes bigodes negros — traçava distrahidas lettras n'um papel. E bem que lhe eu via essas lettras. Era uma cousa assim

Districto Federal
Districto Federal
3.700:000\$000... 3.700:000\$000... 37...
Districto Federal

E foi então, o homem que fallava bateu uma pancada mais forte na sua carteira e gritou:

— Porque, Sr. presidente, nós precisamos acabar com o principio immoral dos direitos adquiridos!

E um deputado gordo estremeceu, e, ainda mal desperto, exclamou logo:

— Não apoiado! E' um cidadão muito distincto... Peço a palavra pela ordem!

X

Toda a gente que estava no recinto accordou, e de fóra, toda a gente que tinha estado a entrar e a sahir, veio, apressadamente, para o seu logar. E um homem baixinho, com uma aparadã barba negra, correu a tomar a cadeira do homem de oculos que traçava exquisitas palavras no papel. E houve um soar de tympanos... E, á porta, curiosos continuos apontaram; e a secretaria vieram empregados a correr...

O homem que fallava repetia:

— Sim, sr. presidente! Nos precisamos acabar com o principio immoral dos direitos adquiridos!

E um deputado velho perguntou a outro:

— Que é que estão a dizer?

— Que é preciso acabar com o direito immoral dos principios adquiridos.

— Direitos dos principios immoraes... Não entendo. E' alguma cousa com o Valladão?

— Não; não tem nada com o Valladão.

— E como é que se vota?

— Já mandei perguntar ao Chico...

— E'... E' melhor.

E o deputado fez gravemente com a cabeça que sim, que assim era melhor. E calaram-se... E o homem que fallava continuou.

X

Eu fiquei sósinho, á frente das galerias, a perguntar aos botões do meu *frack* azul marinho que diabo quereria dizer, na sua, aquelle moço vermelho, de sobrecasaca — pleno de perdigos e de gestos — que por uma tão aggressiva fórma investia contra os direitos adquiridos e que tão convencidamente os promettia liquidar.

E os irrequietos braços do moço vermelho foram-se aquietando, e pararam, e cahiram ao longo da sobrecasaca, fatigados e doídos. Elle sentou-se; tinha nos olhos um clarão de triumpho. E pela sala passou um murmurio de applausos e de cumprimentos — « Muito bem! Muito bem! »

E toda a gente se levantou e todos vieram sahindo. Atirei-me escada abaixo. A' porta, agarrei-me as pernas de um deputado de Minas. E não me pude conter que lhe não perguntasse alli mesmo:

— Acabaram com os direitos adquiridos, hein?

— Com os direitos...?

— Sim; pois não se fallou agora lá dentro?

— Ah! Idéa do Cupertino. Mas não se chegou a votar. Foi mais para encher linguíça...

— Idéa do?

— Do Cupertino.

Do Cupertino, para encher linguíça. Respirei pelos direitos adquiridos e guardei commigo esse nome. E de agora em diante, a todos os que tiverem direitos adquiridos, hei de eu recomendar que se não esqueçam deste inimigo cruel:

— A féra do Cupertino.

Marcial.

Os apreciadores de bons fumos, principalmente quando á sua excellente qualidade alliam um outro attractivo qualquer, conhecem já as photographias de brasileiros eminentes de que a Companhia Manufactora Nacional faz acompanhar cada pacote dos productos do seu estabelecimento. Recebemol-as hontem em lindo quadro, com moldura. *A Cigarra* agradece d'aqui a gentileza da offerta.

A nota litteraria da semana é o apparecimento dos primeiros capitulos do *S. Sebastião*, de Coelho Netto. Publica-o a *Gazeta de Noticias*, o bello jornal que no seu corpo de colaboradores reúne á fina flôr da litteratura indigena, os mais celebrados nomes do movimento litterario europeu.

O *S. Sebastião* é delicioso de originalidade e de estylo. A *Cigarra* tem o maior prazer em recommendar esse trabalho de Coelho Netto á delicada attenção dos muitos homens de espirito que a leem.

OS SRS. DEPUTADOS FAZEM GAZETA

ELLE (intimamente e com uma pontinha de remorso) — A estas horas deve estar falando o Glycerio.
ELLA. Dis donc, chéri, si tu les manges c'est inutile de me faire poser.

MEUS SENHORES, AQUI'STÁ O GATO!

(LENGA-LENGA CONHECIDA)



— Meus senhores, aqui'stá o gato que lambe o sebo que unta as linhas que levam a gente para o outro mundo.

THEATRO ALEGRE

N'um interior elegante. Elle chegou da rua, tras os bilhetes para o Lyrico. Ella descança o corpo e a toilette no divan. Abundancia de mangas e de joias. Sete horas e tres quartos da noite.

ELLA: — Lettra A... A lettra A é bem na frente?

ELLE: — Como primeira lettra do alphabeto designa exactamente a primeira fila de cadeiras.

ELLA: — Podia ser Z pequeno.

ELLE: — Perdão! Essa numeração, por ora, é apenas applicada nos pares de luvas Jouvin.

ELLA: — É o que é que levam hoje?

ELLE: — O *Ballo in Maschera*.

ELLA: — (*traduzindo*) O *Baile em Maschera*. *Maschera* é por força alguma cidade italiana.

ELLE: — (*puçiente*) Não é bem isso... *Ballo in Maschera* quer dizer baile de mascarar.

ELLA: — Baile de mascarar... Nunca vi. Têm bailados?

ELLE: — E' natural que os tenha. Nos bailes é que precisamente se encontram os bailados.

ELLA: — Tambem você disse que a *Gioconda* tinha bailados...

ELLE: — E tem-n'os.

ELLA: — Não tem tal... Se não fosse a vista do cysne era uma bôa estopada.

ELLE: — Ah! Isso não é a *Gioconda*, é o *Lohengrin*.

ELLA: — As Barbosa vão para as cadeiras ou vão de camarote?

ELLE: — Esqueceu-me fazer essa pergunta ao papá das Barbosa. Mas, se queres, eu chego n'um instante alli á rua das Lorangeiras...

ELLA: — Tão engraçado!

ELLE: — A graça é tua; estás a fazer pilherias. Pois olha que já não é nada cedo; o espectáculo começa ás 8 ¹/₄.

ELLA: — Eu nunca vi o *high-life* ir ao theatro para accender o gaz.

ELLE: — Não é accender o gaz, filha... E' que o espectáculo começa ás 8 ¹/₄; e nós não havemos de chegar ao theatro quando o espectáculo estiver acabando.

ELLA: — Você mesmo tem dito sempre que ninguem vae a bailes para chegar antes das nove horas...

ELLE: — E' exacto, mas isso é para os bailes, não é para os espectaculos do Lyrico.

ELLA: — E o que vae hoje não é o *Baile de mascarar*?

ELLE: — Pois é o *Baile de mascarar*... Mas não é o *Baile de mascarar* — baile; é o *Baile de mascarar* — opera. E' uma opera de Verdi. Peço-te muito encarecidamente que não abras a bocca a esse respeito quando estiveres na companhia das Barbosa.

ELLA: — Sou talvez alguma tola que não saiba dizer duas palavras...

ELLE: — Pelo contrario! Tu dizes palavras de mais. (*sentando-se e tirando um jornal do bolso*). Olha, são sete e cinquenta e cinco. Eu vou passar os olhos n'esta folha; vê lá quando queres pôr o chapéu. Faze-me o obsequio de escolher um chapéu pequeno. Vocês estão dando agora em levar á cabeça para o Lyrico, além do seu proprio chapéu, o da mamã, o do papá o das mãas e o do priminho José. A' primeira vista, parece realmente que é um chapéu só, mas já se tem desco-

berto o expediente...

(*Ha uma pausa. Elle percorre o jornal, attento.*)

ELLA: — O que é que está escripto ahi em cima, nesse jornal?

ELLE: — Ahi, onde?

ELLA: — Ahi em cima... Onde diz *high-life*...

ELLE: — *High-life*... Deixa me ver. « Consta-nos... O partido... »

ELLA: — Nos *Theatros*.

ELLE: — Nos *Theatros*? Ah! Aqui tens! (*lendo*) « O *high-life* é que não... » Oh! diabo!

ELLA: — Como é? Leia tudo.

ELLE: — (*lendo*) O *high-life* é que não vae ao Lyrico. Porque? Naturalmente porque a companhia é barata. » Bonito!

ELLA: (*furiosa*) — E o senhor que me não dizia nada, hein?

ELLE: (*conciliador*) — Mas, filha...

ELLA: (*muito furiosa*): — O senhor não me soube dizer que o *high-life* não vae ao Lyrico! E queria que eu fosse, não é? Queria que eu fosse, pois está muito enganado! Teria graça! Para amanhã se estarem rindo de mim..

ELLE: — (*calmo*) — Realmente, o que não haveriam de dizer as Barbosa!

ELLA (*muito mais furiosa*): — Não vou, não vou e não vou!

ELLE: — Filhinha...

ELLA: — (*ainda muito mais furiosa*) Não vou! Não sou da Praia Grande, nem do Saccó do Alferes! Commigo é nove!

ELLE: — Mas, filhinha, eu hei de perder os bilhetes?

ELLA: — Chegue lá, n'um instante, e venda-os na porta.

ELLE: — São frescas as suas idéas de *high-life*! Não podemos ir ao *Baile de mascarar* porque o *high-life* não vae; mas eu posso ir vender bilhetes á porta do theatro. Sim, senhora; tiro-lhe o meu chapéu!

(*Ha outra pausa. Elle passeia, nervoso.*)

ELLA: — (*com magna*) — E eu que tive tanto trabalho para me apertar! (*reflecte*) Mas nós podiamos ir a um outro theatro... Vamos ao *Tim tim*, *Fim de século*?



zpsis.

VIDA NOCTURNA

Os espectaculos da companhia Sansone continuam a agradar a gregos e troyanos. Isto não quer dizer que não agradem aos fluminenses.

E' realmente para admirar que não se encha o Lyrico todas as noites, quando pelos mesmos preços e no mesmo theatro apanhou o Frégoli successivas enchentes. E' verdade que o Frégoli era um artista que parecia especialmente inventado para o Rio de Janeiro.

No *Ballo in maschera* estreiou-se a cantora brasileira Mathilde Canizares, escolhendo o papel de Oscar. Sendo a cantora filha do Rio de Janeiro, pôde-se dizer que tivemos um Oscar guanabarinu.

A estreiante, ao contrario do que acontece a muita gente que canta, mais não entôa entoa mas não canta. Em compensação, é bonita por si e por todas as suas companheiras.

Quando vejo e ouço a Bassi, digo sempre aos meus botões :
 — Seria melhor que esta senhora fosse menos feia, embora tivesse menos voz. Vendo e ouvindo (ouvindo é um modo de dizer) a Canizares, penso justamente o contrario : — Eu preferia que esta minha patricia tivesse mais voz, embora não fosse tão bonitinha.

A gente nunca está satisfeita com o que lhe dão.

Dizem que a Canizares tem muito futuro, porque é ainda muito nova e a voz virá com a idade.

Não é essa a opinião do barytono Athos.

Este, cantando a *Lucia*, soltou uma nota desafinada, o que deu logar á seguinte reflexão de um espectador.

— Athos d'estes não se commentam.

— A Rebuffini não pôde cantar am nhã a *Gioconda*; como ha de ser ? pergunta o empresario Sansone ao empresario Freitas Brito.

Responde este :

— Como ha de ser ? Veja a Bassi !

O Bartholomeu, que ouve, murmura pensativo :

— A que proposito vem aqui a cerveja Bass ?

Mais uma peça nova no Variedades : as *Duas Orphãs*. Escusado é dizer que uma d'ellas é D. Emilia Adelaide.

No Apollo voltou á scena o *Surcouf*, opereta maritima que dá de vez em quando um ar da sua graça. Um ar apenas. O papel de protagonista, que tem andado por trinta mãos, está agora na do Sr. João Ayres, que é muito boa pessoa. O actor Mattos é sempre um bom Jacaré (grupo 15, série de 57 a 60.)

Nos demais theatros não ha nada novo.

No Recreio houve duas primeiras representações, mas foram dadas de dia : não posso tratar d'ellas n'uma secção que se intitula — *Vidu Nocturna*.

João Piloto.

NO LYRICO

DEPOIS DO BAILADO DAS « HORAS »



Entré... as 10 e as 11

A QUESTÃO DA ILHA DA TRINDADE

(COMO SE CORTA O NÓ GORDIO)



- O Sr. rouba-me o relógio?
- *Roubar?! Senhor!* eu não roubo! O seu relógio está aqui, olhe, vê? Mas só lh'o restituo com uma condição.
- ?!
- Hade consentir que eu o traga sempre commigo.